

O RÁDIO TECE A CIDADE: COTIDIANO E OUVINTES NOS PROGRAMAS JORNALÍSTICOS DE EMISSORAS AM EM SÃO LUÍS

Ed Wilson Ferreira Araujo

edwilson_araujo@yahoo.com.br

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>

RESUMO

O artigo aborda a participação dos ouvintes nos programas jornalísticos das emissoras de rádio AM, em São Luis (MA), à luz dos conceitos de ágora e oralidade, ressignificados no meio radiofônico. Evidencia-se a prática da audiência organizada na Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio (Somar). Sob a mediação do rádio informativo, a palavra falada costura os sentidos da cidade pela alternância dos sujeitos falantes: locutores oficiais e ouvintes.

Palavras-chave: ouvintes; ágora eletrônica; oralidade

A tecnologização da palavra, nas fases da oralidade e da escrita, é o ponto de partida para situar a prática da audiência nos programas jornalísticos através da Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio (Somar), em cinco emissoras em Amplitude Modulada (AM), sediadas na capital maranhense: Educadora 560 Khz, Mirante 600 Khz, Difusora 680 Khz, Capital 1180 Khz e São Luís 1340 Khz. Veiculados diariamente, das 5h às 23h, os programas têm a marca predominante da participação dos ouvintes através do telefone, com entradas ao vivo durante a programação ou através de mensagens de celular (SMS). As redes sociais também são acionadas para mobilizar a audiência, mas a fala ao vivo, foco desta abordagem, é a característica principal entre as formas de intervenção da audiência.

As emissoras citadas caracterizam-se no geral pela ancoragem do apresentador que organiza os conteúdos da produção, acrescentados pelos comentários dos ouvintes. Nas rádios de maior porte, Mirante 600 khz e Difusora 680 khz, os programas são estruturados com equipe de produção, apresentador e repórteres que cobrem as casas legislativas (Câmara Municipal e Assembléia Legislativa) e os principais acontecimentos da cidade, além dos fatos eclodidos ao longo da programação.

Os ouvintes dialogam com os apresentadores e repórteres sobre os principais problemas do cotidiano: infra-estrutura da cidade, condições das ruas e avenidas, saneamento básico, funcionamento dos serviços públicos, dados sobre indicadores sociais, reflexos das decisões dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) sobre o dia-a-dia, transporte público, situação das escolas e dos hospitais, trânsito etc. A intervenção dos ouvintes oscila entre reivindicatória, informativa, colaborativa, contestatória ou interpretativa.

A Somar é uma entidade sem fins lucrativos, não registrada em cartório, criada em 2000 para congregar os ouvintes de variadas classes sociais, distintas profissões e poder aquisitivo, cujo hábito comum é participar ao vivo, por telefone, nos programas de rádio.

O recorte do artigo é a relação entre o rádio, a cidade e os ouvintes na dimensão espaço-temporal que possibilita a conexão entre as pessoas através de duas lógicas ou eras culturais (Santaella, 2007): a palavra falada e a oralidade mediatizada. Recorre-se também ao conceito de ágora eletrônica (Brecht, 1981), sistematizando a relação entre o rádio e o exercício da participação da audiência. As raízes da ideia de ágora estão presentes nos estudos de Sennett (2003), cujas formulações esclarecem com profundidade as mudanças operadas nos ambientes ou espaços da Grécia, onde os cidadãos se reuniam para debater os assuntos da cidade. Certeau (1998) caracteriza os processos evolutivos da urbanidade e contribui para entender a dinâmica das práticas cotidianas, especialmente o ato de falar.

O rádio e os ouvintes falantes

Ong (1998) traça as diferenças e aproximações entre oralidade e escrita. A palavra para ser falada e ouvida durante o período de predominância da oralidade primária ganha uma nova formatação e dinâmica a partir do momento em que os sons são “traduzidos” em sinais sonoros e disponibilizados em suportes como pedras, couros, papiro e papel. A escrita configura um processo de tecnologização da palavra, ao adequá-la a novos suportes, quando a palavra passa por um processo de espacialização. Cabe observar, no entanto, que o surgimento da escrita não anula a oralidade ou estabelece entre ambas uma fronteira intransponível. Ong (1998) destaca a força da palavra falada no novo ambiente dominado pela escrita, enfatizando que os textos escritos mantêm vínculos com

o mundo sonoro. Há, portanto, uma imbricação entre as duas técnicas: falar e escrever. Outro conceito introduzido por Ong (1998) refere-se à oralidade secundária. Esta ganha força na era eletrônica, com a aplicação dos dispositivos tecnológicos que permitem novas dinâmicas à fala - a oralidade dos telefones, do rádio e da televisão, cuja existência mantém relativa dependência da escrita e da impressão, como nas situações em que os programas jornalísticos no rádio e na televisão, por exemplo, dependem de um roteiro escrito para ser falado. O advento da escrita e posteriormente da tipografia não eliminou ou encolheu a oralidade. Ong (1998) advoga a natureza do som como requisito essencial para entender a importância da cultura oral primária: o som como movimento, ação, poder e dinâmica. “Numa cultura oral, a redução das palavras a sons determina não apenas os modos de expressão, mas também os processos mentais.” (Ong: 1998, 44.)

A fala, ressignificada pela camada tecnológica do telefone, possibilita a inserção da oralidade secundária no ambiente radiofônico. Os programas jornalísticos das emissoras AM em São Luís situam o rádio como lugar de encontro de uma comunidade especial de ouvintes - a Somar - caracterizada por uma audiência vigilante, crítica, ativa e propositiva que transforma as transmissões em tribunas de compartilhamento de ideias, polêmicas, instituição de rede de solidariedade ou campo de debates alimentados pela perspicácia dos ouvintes espalhados nos mais diversos bairros da cidade, constituindo uma teia conflituosa e/ou propositiva composta pelos fios e nós da língua falada. Os integrantes da Somar interferem nos programas para comentar sobre as notícias, reportagens, notas e entrevistas relacionados ao dia a dia da cidade. Em outras circunstâncias, informam as emissoras sobre algum fato que entendem ser merecedor de atenção dos apresentadores e repórteres. Segundo Brecht (1981), o rádio seria uma plataforma tecnológica adequada para dotar todas as casas com aparelhos emissores-receptores, através dos quais as pessoas poderiam participar ativamente do processo de comunicação. Brecht (1981) vislumbrava o rádio como o meio de comunicação no qual seriam instituídas as assembleias populares para tomar decisões sobre a cidade - a ágora eletrônica -, remetendo ao cenário grego da praça como lugar de debates e decisões sobre a vida pública.

Para melhor entendimento sobre o sentido da ágora, Sennett (2003) explica como eram organizados o trânsito das pessoas e os espaços de diálogo na cidade grega.

“Atenas agrupava os corpos em dois tipos de espaços, cada qual conferindo à multidão uma experiência distinta da linguagem falada. Na ágora, múltiplas atividades transcorriam simultaneamente, enquanto as pessoas se movimentavam, conversando em pequenos grupos sobre diferentes assuntos ao mesmo tempo. Não havia nenhuma voz dominante. Nos teatros da velha cidade, as pessoas ainda ocupavam seus lugares para ouvir uma única e clara voz. Os sítios urbanos mais amplos apresentavam perigo para a linguagem, pois neles, em meio às atividades concomitantes e ininterruptas, as palavras se dispersavam entre os murmúrios das vozes; a massa de corpos em movimento nada percebia além de fragmentos do sentido que elas expressavam. No teatro, a voz singular assumia forma artística, através das técnicas da retórica. Os locais reservados aos espectadores eram tão organizados que amiúde a eloquência os vitimava, paralisando-os e humilhando-os com seu fluxo. (SENNETT, 2003: 47)

Os ouvintes dos programas jornalísticos das emissoras de rádio AM identificam-se por uma demarcação espacial na cidade, remetendo à localização do participante, através de uma convenção firmada no contrato informal entre os apresentadores e a audiência. Ao telefonar para uma emissora, o ouvinte anuncia o nome e o bairro de onde fala (Dias do Centro, Madeira do Cohatrac, Baiano do Parque Vitória, Arthur Oliveira do Vinhais, Teresa do Maranhão Novo etc). A localização geográfica dimensiona a pulverização dos ouvintes espalhados nos bairros da cidade, formando a teia que conecta as pessoas por meio da alternância dos locutores no processo de produção do conteúdo informativo. O locutor oficial, apresentador do programa, permite ao ouvinte acrescentar camadas informativas sobre as situações vivenciadas no cotidiano, refletindo os principais ambientes da cidade: ruas, praças, avenidas, áreas verdes, praias, locais de prestação dos serviços públicos, terminais de ônibus etc.

O ouvinte é portador de informação sobre a cidade e compartilha um tipo de conhecimento específico com os apresentadores, repórteres e os outros componentes da audiência. A prática cotidiana de conversar sobre as situações corriqueiras desemboca no rádio. A palavra falada entra em movimento, instaurando o processo da oralidade eletrônica, mediatizada pelo meio radiofônico. Assim, os integrantes da Somar apropriam-se da palavra e estabelecem um intercâmbio com o apresentador, mediante um contrato informal que permite temporariamente a fala do outro. A audiência ativa capta, registra,

interpreta, circunstancia e transporta para os programas a sua vivência sobre a cidade. Os ouvintes em ação incorporam atores, interpretam personagens da cidade, são comentadores das narrativas dos apresentadores e repórteres e construtores de suas próprias narrativas.

O ato de falar no rádio, interrompendo o circuito da voz autorizada dos apresentadores e repórteres, insere-se nas práticas cotidianas dos ouvintes contumazes. A prosa cotidiana, a conversação sobre a vida da cidade, as *performances* dos agentes públicos, as decisões administrativas e políticas, os resultados do futebol; enfim, o mundo vivido, passa a integrar os assuntos repercutidos no rádio. O dia-a-dia da cidade é costurado pelas ondas sonoras. Certeau (1998) diz que os quatro eixos do ato enunciativo encontram-se em outras práticas cotidianas, como andar e preparar os alimentos.

A nossa pesquisa se situa nessa diferença ou nesse distanciamento. Poderia ter como baliza teórica a construção de frases próprias com um vocabulário e uma sintaxe recebidos. Em lingüística, a “performance” não é “competência”: o ato de falar (e todas as táticas enunciativas que implica) não pode ser reduzido ao conhecimento da língua. Colocando-se na perspectiva da enunciação, objeto deste estudo, privilegia-se o ato de falar: este opera no campo de um sistema lingüístico; coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação, da língua por locutores; instaura um presente relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações. Estas quatro características do ato enunciativo poderão encontrar-se em muitas outras práticas: caminhar, cozinhar etc. (CERTEAU, 1998: p. 40)

O rádio estabelece a conexão e o vínculo com a cidade, através da partilha de informações, possibilitando que a vida se desenvolva no ponto de intersecção do mundo físico e real com o da virtualidade e das interconexões eletrônicas, neste caso, através das ondas eletromagnéticas e pelo telefone. A comunicação pelo rádio, marcada pela forte intervenção dos integrantes da Somar, remete à ideia de uma comunidade de ouvintes interessada em debater, dialogar e apresentar proposições sobre a cidade. As narrativas dos ouvintes versam também sobre os monumentos, terrenos baldios, a situação do transporte e do trânsito, o funcionamento dos hospitais e escolas, das casas legislativas, as decisões, conflitos e resultados sobre a vida pública.

O conceito brechtiano da ágora eletrônica inspirou Dantas (2002) a projetar a possibilidade de ser instaurada uma esfera pública cidadã, mediada pelo rádio, tendo a

preponderante intervenção dos cidadãos como “produtores diretos e autônomos de cultura. Seria o alargamento e a consumação do ideal iluminista da esfera pública burguesa, agora expandida para toda a sociedade democrática. Seria, pois, a radicalização da democracia.” (2002, p. 103.)

Ouvintes em movimento na ágora eletrônica

A vida comunitária no bairro é amplificada para uma vivência à distância, mediante a qual os moradores das diferentes regiões da cidade podem compartilhar conhecimentos sobre as suas realidades com os outros ouvintes dispersos e também atuantes na rede informativa. Organizado no espaço-tempo da produção jornalística, o rádio sintetiza o aqui/agora das transmissões ao vivo, com os repórteres acompanhando os fatos diretamente, impulsionados pela produção das emissoras e, simultaneamente, disponibilização as informações emanadas dos ouvintes ao longo dos programas, de qualquer ponto da cidade, ao vivo por telefone, através de mensagens SMS ou pelas redes sociais.

A utilização de variados recursos pelos ouvintes para interagir com os programas caracteriza a linguagem contemporânea imersa em uma era de múltiplos suportes. Há, portanto, um processo de recombinação constante de linguagens e de adaptação das linguagens para os meios e as redes. As conexões humanas formam a rede social e instauram a lógica da(s) comunidade(s) que compartilham ideias, têm afinidade por determinados temas e gostos, conectam-se por comunhão de pensamento e são entrelaçados pela memória. Esta, ao mesmo tempo em que se caracteriza pela afirmação de interesse, pode ser também o lugar da disputa de posições (política, acadêmica, historiográfica etc). Eis, por exemplo, as contendas entre as versões oficiais das grandes narrativas que são negadas total ou parcialmente pelos contestadores.

Caracterizada por ser uma comunidade especial de audiência, a Somar reúne pessoas cujo hábito comum é ouvir rádio, mas nem sempre com as mesmas opiniões e interpretações sobre o cotidiano. A rede social dos ouvintes de rádio constitui-se em meio a vários fluxos informativos que transitam na velocidade da palavra falada em múltiplas vozes e atores. O rádio é a tribuna informal, onde vários locutores (apresentadores,

repórteres e ouvintes) revezam-se para falar sobre a cidade. O princípio da ágora, incorporado ao rádio, tem raízes mais profundas na organização do fluxo dos corpos no espaço urbano grego, onde só predominava a palavra falada.

A evolução da democracia ateniense deu forma às superfícies e às proporções da ágora, pois o movimento possível em espaços simultâneos favorecia uma participação mais intensa. Transitando entre diversos grupos, podia-se tomar conhecimento do que acontecia na cidade e trocar ideias sobre os mais variados assuntos. O espaço aberto era um convite, inclusive, a que se tomasse parte, mesmo eventualmente, em questões jurídicas. (SENNETT, 2003: p. 48)

O rádio organiza a vida da cidade através da congregação de uma comunidade de ouvintes conectada pelo interesse jornalístico, pelas questões (específicas) de cada bairro e do conjunto da cidade (universais). O conhecimento sobre a cidade é formatado a partir das narrativas jornalísticas dos profissionais de comunicação e da prática cotidiana dos ouvintes. O fluido informativo das notícias e reportagens costura o tecido semântico da cidade. A instantaneidade do rádio permite uma atualização constante e ao vivo sobre os acontecimentos cotidianos, construídos também pela audiência ativa que não só informa os repórteres e apresentadores, como também interpreta e opina sobre os temas de interesse público.

O espaço-tempo da cidade é organizado, em parte, pela linguagem jornalística dos programas de rádio. As vinhetas que identificam os apresentadores e repórteres são sinalizadores que convocam o ouvinte à construção de identidade(s) com os locutores e programas. A audiência é fiel e fã. As trilhas sonoras marcam o campo acústico da audiência, despertam interesse, curiosidade, atenção e convidam para uma escuta focada. Os programas são constantemente monitorados pelos órgãos públicos municipais e estaduais, atentos às demandas, reivindicações, críticas e elogios dos integrantes da Somar. A ação prática dos ouvintes constitui em investigar e levantar empiricamente os problemas/situações vividos no cotidiano e trazê-los à coletividade através das ondas do rádio, inclusive cobrando sistematicamente a tomada de providências pelos agentes públicos e privados. O diagnóstico dos ouvintes coloca-os na condição de auditores informais da cidade. E o rádio, por natureza, é a ouvidoria.

A cidade, formada por seu espaço geográfico e simbólico, é regida pelas transmissões jornalísticas que atualizam a população sobre os acontecimentos. O rádio estabelece vínculos espaço-temporais com a sua comunidade de ouvintes, em horários fixos, com marcas sonoras definidas, vinhetas, trilhas e múltiplas vozes que se revezam na posição de locutor. Os programas jornalísticos disciplinam o ritmo da cidade. Os fatos percorrem instantaneamente o circuito midiático alcançando o *status* de notícia, seja pela ação profissional da emissora, seja através das informações anunciadas pelos ouvintes dando conta da eclosão dos episódios de interesse jornalístico. O rádio dá vida à cidade porque faz pulsar os sentidos do cotidiano, através dos programas jornalísticos, com suas rotinas produtivas que incluem, informalmente, a agenda disponibilizada pelos ouvintes, costurando o mosaico de fatos que constroem a realidade.

Contraponto: os ouvintes líquidos e a comunicação sólida

A audiência ativa apropria-se de informações na sua prática cotidiana e constrói suas próprias narrativas como ações usuais da palavra falada. Os ouvintes exercitam a retórica na cidade. Nos programas jornalísticos, a alternância dos sujeitos falantes caracteriza a cidade como espaço em constante metamorfose. Entre caos e fluxo, a cidade se des(organiza) nos discursos proferidos pelos ouvintes nos programas de rádio, nem sempre acordados com a produção das emissoras e com a linha editorial da empresa.

Os ouvintes interpretam personagens, dramatizam a prática falante, incorporam o *status* do portador de conhecimento sobre a realidade onde vivem e por onde passam. A cidade e os ouvintes líquidos misturam-se aos fluxos informativos que transitam pelas ondas eletromagnéticas no espaço-tempo ritmado que organiza a produção da notícia, acrescentada pelos comentários, interpretações, análises, reivindicações, desabaços, reclames, dramas e outros imaginários da audiência. Esta, por sua vez, favorece o desenho da cidade, integra a arquitetura noticiosa do dia-a-dia ao inserir fragmentos informativos na programação, operando como sinalizadores. Assim como as veias e artérias percorrem o corpo, conduzindo fluidos, os ouvintes e repórteres em trânsito na cidade movimentam-se pelos vasos comunicantes das ruas, becos, vielas, palácios,

tribunais, plenários e avenidas (do centro à periferia) no ambiente polifônico e descentralizado, entranhados no tecido urbano e transbordando na pele que envolve os fatos do cotidiano para devolvê-los à realidade em forma de nota, notícia, comentário, entrevista, editorial, opinião, interpretação.

O diálogo entre as pessoas, possibilitado pelo rádio, dimensiona o corpo como espaço de comunicação dotado do aparelho fonador que amplifica o sujeito cognitivo. O corpo é veículo dotado de voz e secreta informação. Empoderado na condição de falante, o ouvinte projeta no outro que não vê (a audiência invisível) a visibilidade que ele deseja ter. O ouvinte falante vislumbra o reconhecimento e o mérito. Para isso, lança mão da retórica, através da qual profetiza sua causa, bandeira, denúncia, reivindicação, pedido, apelo e escracho. Em suma, o ouvinte é um corpo político, desejante de poder. Este, porém, é disputado com outras instâncias decisórias – a propriedade das emissoras e todos os efeitos decorrentes da comunicação controlada por interesses privados.

A utopia radiofônica democrática de Brecht (1981), no entanto, esbarra em um modelo de comunicação concentrador e monopolizado, cujos proprietários estão atrelados a (in)determinados interesses políticos, fazendo oscilar as linhas editoriais das emissoras de acordo com as variações de cenário da conjuntura local. Assim, a abertura da programação aos ouvintes não garante o exercício pleno da democracia, mas permite a pulsação de opiniões e a formação de uma rede colaborativa no rádio, através da Somar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRECHT, Bertolt. **Teoria de la radio** (1927-1932). In: BASSETS, Lluís (ed.). *De las ondas rojas a las radios libres*. Barcelona, Gustavo Gili, 1981.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DANTAS, Marcos. **A lógica do capital-informação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas – SP: Papyrus, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOBRE O AUTOR:

Doutorando em Comunicação pela PUCRS. Graduado em Jornalismo (1993) e mestre em Educação (2006), ambos pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É professor assistente III da UFMA, no Departamento de Comunicação Social. Autor do livro “Rádios comunitárias no Maranhão: história, avanços e contradições na luta pela democratização da comunicação”, publicado pela EDUFMA, fruto da dissertação de mestrado. Tem estudos na área de comunicação comunitária e radiojornalismo. No doutorado, pesquisa a participação dos ouvintes nos programas jornalísticos das emissoras de rádio AM de São Luís. Escreve reportagens, artigos e crônicas sobre política, cultura, meio ambiente. Editor de blog: <http://blogdoedwilson.blogspot.com.br>